

CÁRCERE DE CASEROS - “DESAPARECIMENTOS: RETRATOS NA AUSÊNCIA”

Verónica del Valle // Valeria Nuciari

*“La cámara ya no era un instrumento que registraba presencias,
era una forma de hacer desaparecer el mundo,
una técnica para encontrar lo invisible.”*

Paul Auster - “Leviatán”

Neste trabalho consideramos a fotografia como um instrumento central dentro da investigação antropológica. Vivemos sob uma chuva permanente de imagens, a maioria das quais passa por nós sem deixar vestígio na memória. Tomamos as imagens como processos emocionais incompletos, e buscamos gerar reflexões críticas nos espectadores, os quais esperamos que, fazendo intervir seu saber prévio, supram as lacunas da representação. Ao olhar uma imagem o espectador se apropria de certos elementos da foto, utilizando ao acaso associações subjetivas, que serão para ele como *pequenos relatos*, fragmentos soltos do real. Nos propomos a tomar as fotografias como um olhar fragmentado para que quem olhar as imagens construa um quadro crítico e emotivo a respeito do condicionamento, a reclusão e a exclusão da vida dentro da sociedade. Centrando-nos no cárcere como uma metáfora de um sistema que se reproduz em todos os aspectos da sociedade, a vigilância e o castigo, a exclusão, a restrição e a norma, nos propomos a possibilidade de construir isso através de imagens e textos. Toda pessoa excluída dentro da sociedade está confinada a um mesmo papel recortado, imóvel e petrificado similar ao dos presos dentro de uma prisão.

O cárcere de Caseros, na Cidade de Buenos Aires, representa hoje um relato fragmentado, habitado cada dia mais por desaparecimentos que por

memória. Com esses fragmentos de imagens tentamos encontrar pegadas, únicas para cada qual, que se imponham à atenção. É definitivamente a busca do Homem através de suas pegadas, de seu passo, de seus intentos: seus “pequenos relatos”.

Criamos uma nova realidade em que o objeto (imagem e texto) se converte em outro diferente, porque nós com nosso olhar o transformamos/reinventamos. A matéria-prima não varia, mas a forma que a arte lhe dá a impede efetivamente de seguir sendo a mesma. É essa arte outra forma de conhecimento, e o essencial da arte é justamente que nos construa um mundo, que nos revele um tipo de olhar: não só uma forma de olhar, mas também um lugar a partir do qual seguir para o mundo. E cada olhar, sabemos, é insubstituível. Manufaturamos realidades.

O que caracteriza a fotografia antropológica não é tanto seu tema, mas sim a classificação da “realidade”, que propõe e parece transmitir, a partir do conhecimento particular de quem a observa.

Existe uma certa fatalidade na fotografia, já que esta não pode existir sem algo e alguém. Mas o que faz que fotografemos algo em particular?

Em parte, ali reside a *inclassificabilidade* da fotografia: não existe uma única razão para determinar uma de suas circunstâncias. A essência da fotografia é sempre invisível pois não é a ela que vemos e embora não se distinga de seu referente, nos move a um ato secundário de reflexão. É central destacar que aquilo que a fotografia não mostra é tão importante como o que mostra (existe uma relação quase inevitável entre fora e dentro), é portadora de uma presença “virtual” que a une com algo que já não está ante nossos olhos, mas que se revela ali como excluído. Muitas vezes uma fotografia é um quadro, uma abertura, que nos mostra aquilo que está ausente, e na busca daquilo que não está enquadrado reside a força do olhar. Mas além da fotografia, conseguir pensar no que há por trás da imagem.

Em toda fotografia existe um suplemento de significado (*punctum*), o que acrescenta à foto e que entretanto não está ali explicitamente. É algo sutil que

se encontra mais além do campo, mais além do quem mostra, como se na imagem se manifestasse uma pressão do indizível que deseja ser dito.

A fotografia reproduz mecanicamente até o infinito aquilo que apenas ocorreu uma vez e não poderá voltar a se repetir, nela o tempo se encontra *estancado*. De certo modo parece representar o “*retorno do morto*”. Uma foto leva consigo uma carga de *valor de verdade* inquestionável que nos diz: isto foi assim. O referente sempre está presente na fotografia, e ambos se caracterizam por permanecer imóveis dentro de um mundo em constante movimento. A fotografia, no decorrer dos anos, funciona de certa maneira como um simulacro da existência: um *simulacro* do que nunca mais poderá se repetir existencialmente e agora essa existência/presença só pode ser vivenciada por cópias, que nos recordam também o ausente, o perdido.

A existência da fotografia é dupla, quando é tomada e reconhece um autor que a define, de certa maneira fixa-a e depois com cada olhar essa fotografia é multiplicada. Conforme a situação reconstruímos um passado, manufaturamos uma nova realidade cada vez. “*La realidad no existe. Debe ser buscada y ganada.*”ⁱ (Paul Celan). Indubitavelmente a arte, dentro desta a fotografia, reflete a realidade, mas por sua vez funda uma realidade nova. Isto não há que se esquecer nunca: a arte é criadora da realidade e não só reflexo dela.

Vemos a fotografia como uma *forma* e o quê é a forma sem a extensão de um *conteúdo*. É o conteúdo que dá lugar à forma e este *conteúdo* nunca se esgota, porque a arte nos presenteia uma enorme riqueza de significados possíveis e por sua vez nos faz viver outros mundos possíveis. Seguindo Vattimo acreditamos que o encontro com uma obra de arte é um modo de fazer experiência, com a imaginação e a emotividade, de outras formas de existência, de outras “realidades”, que nos faz deslizar um pouco fora do horizonte concreto (e às vezes fechado) em que vivemos cotidianamente. Neste intercâmbio, produz-se o encontro artístico, nosso próprio horizonte se modifica.

Embora a fotografia possua um alto conteúdo técnico (foco, luz etc.) também é um meio de expressão, pois nela contam, justamente, a sensibilidade e a emoção. Mais além de ser considerada por muitos como um mero registro,

a fotografia é uma interpretação; constitui-se como um uso deliberado daquilo que se escolhe registrar e deixar impresso como legado de “verdade” e presença. A imagem fotográfica pode se utilizar não só como registro ou documento antropológico mas também como uma forma de expressão (como metáfora, como texto) já que a fotografia transmite coisas que a linguagem verbal não consegue dizer.

Nem o texto nem a imagem podem esgotar o real, por muito bons que sejam. Ambos estão plenos de subjetividades, de interpretações e recortes da realidade, são, cada um deles, abordagens possíveis e formas de aproximação distintas de um mesmo fenômeno. Texto e imagem se enriquecem mutuamente: um *dizendo*, outro *mostrando*.

A fotografia é um olhar que recorta, seleciona e interpreta; é um olhar subjetivo pleno de emoção e de uma idéia sobre mundo. Assim mesmo esse olhar especial requer o manejo de uma técnica e de um maquinário. Uma fotografia nasce da realização de três práticas: fazer, experimentar e olhar. Como já dissemos, através da fotografia se evidencia um corte e uma fragmentação da realidade. Primeiramente o fotógrafo está obrigado a escolher somente um determinado ângulo, um momento, dentro da continuidade do *real*. Quando tiramos uma fotografia praticamos uma *ruptura*, estabelecemos os limites daquilo que queremos ver.

Essa fragmentação do tempo vivido, preservado, nos coloca algumas perguntas com respeito a nossa relação com o tempo e a memória. A memória é o que constitui toda nossa vida. A memória poderia ser não tanto o passado contido em nós, mas uma prova de nossa vida no presente, de onde olhamos e recordamos. As fotografias se contêm e se bastam: não são o mundo, não são a *realidade*, mas a “*verdade*” que propõem é igualmente válida como qualquer outra. O eu desaparece dissolvido em um olhar que deixou de pertencer e cumpre e inventa suas próprias regras. Definitivamente o que importa é olhar e a ordem com que esse olhar procede. Um olhar que não é de uma ordem rígida, pelo contrário, aceita a presença do acaso e busca acomodar-se a ele, fixando em um único instante, que é múltiplo, as diversas variáveis da existência.

Combinam-se sem fim: ordem e caos, imutabilidade e mudança, vontade própria e acaso.

Tentar suplantar uma imagem com palavras é impossível, já que ao mudar de uma estrutura para outra elaboram-se outros significados. O texto que acompanha uma imagem não está somente destinado a comentá-la, pode-lhe outorgar significados que parecem racionalizá-la. Embora muitas vezes o texto amplia as conotações incluídas na fotografia, também é certo que freqüentemente o texto produz um significado completamente novo que parece emanar da própria imagem. Essas conotações não são “naturais” mas sim culturais e pessoais, tomam seu sentido em virtude da sociedade em que se produzem. A leitura da foto sempre é histórica e dependente do *background* do espectador.

O tempo memorial afetivo é múltiplo e polissêmico. A viagem de percorrer uma fotografia se faz levando como equipamento o presente conosco: nosso modo de ver, nosso corpo, nossas vivências: olhamos *conforme* a situação. A subjetividade de nosso olhar encontra novos significados, esse fragmento de tempo aparentemente inalterável, nunca é o mesmo, sempre é outro: perante nós e perante os demais. Porque nossa percepção das coisas se altera e com ela nossos *critérios de realidade* e de valor: o percurso do olhar nunca é o mesmo.

A arte é uma companheira essencial para nossas perguntas. A idéia da escritura, da fotografia, da Arte como o que vai conseguir resgatar o que o tempo leva, como preservação (nunca imóvel). Na arte o presente já é memória. A arte é valiosa porque se submete à prova da relação abismal entre a medida e o incomensurável. E dado que se trata de um assunto de óptica, uma espécie de "olhar de outra maneira" ("Hemos de mirar a la ciencia desde la óptica del artista y el arte desde la óptica de la vida" ⁱⁱ Nietzsche), a vida é aqui o critério. O valor não é, pois, mais que o lampejo de um certo olhar.

Um retrato na ausência: se um homem deseja estar verdadeiramente presente deve estar pensando, não em si mesmo, mas no que vê, deve esquecer-se de si mesmo a fim de estar ali, e a partir desse esquecimento, a

partir desse lugar, surge o poder da memória. Quando damos um passeio no âmbito da memória, penetramos no mundo.

É impossível fazer uma análise social que possa prescindir ou ignorar os espaços por onde os sujeitos transitam. Porque são esses espaços os que são transformados pelo passo do homem como por sua vez este é transformado pelo espaço. Todo espaço físico pode ser chamado um não-lugar antes de ser habitado pela presença dos sujeitos, porque é esta que organiza e reconhece esse espaço, trata-se de encontrar e construir um centro.

Marc Augé chama de “não-lugares” os “*Espaços que não criam identidade singular nem relação, a não ser solidão e semelhança*”. Os não-lugares são os espaços do anonimato, nos convertem em meros elementos que se formam e desfazem ao acaso sem nunca formar uma rede.

Um não-lugar deixa o homem sem a afirmação de um espaço. E se entendemos que o homem necessita para sobreviver, para não sentir-se vulnerável, o reconhecimento de um lugar, transformar um não-lugar em seu lugar, habitar o mundo que o rodeia: formar uma rede.

O homem seja em uma prisão ou em “liberdade” vive em uma oscilação contínua entre a pertença e o estranhamento, entre o estar sempre e o não estar nunca “em casa”: essa sensação de estar em trânsito.

Por isso o ser humano definitivamente necessita sentir-se um habitante, seja do espaço que escolheu seja do espaço a que foi recluso. Necessita construir um espaço de reconhecimento, recortar do mundo espaços significantes. E no momento em que o homem habita e tece uma trama constrói uma memória.

Fazemos uma dupla restituição: a pegada deixada e do que nós recuperamos a partir de nosso olhar. As fotografias são um espaço aberto que pode e deve ser habitado: por um *sujeito*, a quem é possível encontrar e retratar; e por uma *realidade*, à qual é possível referir-se.

A memória como um lugar. O Cárcere de Caseros é o lugar, é esse esquecimento, a partir do qual buscamos retratar o homem e sua memória.

Assim como o mundo se grava em nossas mentes, nossas experiências ficam gravadas no mundo. Marcas, texturas, pegadas, passos...

ⁱ A realidade não existe. Deve ser buscada e conquistada. (NT)

ⁱⁱ Temos que olhar a ciência pela óptica do artista e a arte pela óptica da vida. (NT)

Breve resenha histórica do cárcere de Caseros

Verónica del Valle // Valeria Nuciari

O projeto de construção do cárcere de Caseros começou em 1963 e sua construção demandou onze anos. Foi utilizada cinco anos mais tarde, quando a ditadura militar a inaugurou em 1979, e a maioria de seus presos foram políticos (como os dirigentes do grupo sindical dos “25”).

Devido à visita da Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA, o governo quis outorgar à repressão uma imagem de funcionalidade e assepsia, a qual fracassou pela falta de luz natural, de intimidade etc. o que gerou muitos protestos mais. As celas de Caseros medem 1,80 m X 2,00 m, com três paredes e uma grade que dá para o corredor. A maior parte do espaço é ocupado pelo que pretende ser uma cama pregada na parede, uma “mesa” e dois “tamboretas”, e uma mescla de lavatório e sanitário. As celas não têm comunicação entre si, o preso não pode ver seus companheiros embora possa ouvi-los. São 26 unidades por ala e quatro alas por piso. Tudo é estreito... pelos corredores deve-se circular em fila, já que medem menos de 1 m de largura.

De baixo, e para poder ver o céu, o olhar deve subir 25 pisos de cimento escuro (85 m de altura) e no inverno devem-se suportar 5 graus de temperatura a menos do que do lado de fora.

Os presos políticos, colocados nos pisos superiores, foram trasladados entre 1980 e 1981, e os presos comuns haviam ganho mais espaço.

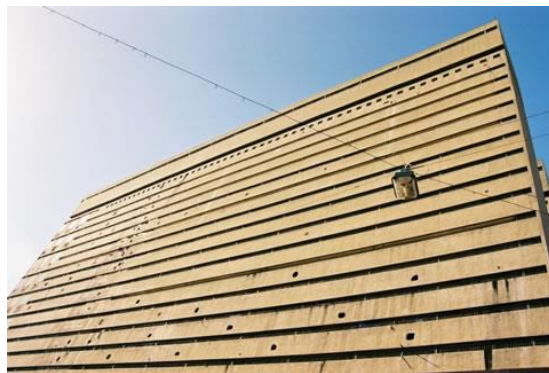
À medida que passava o tempo, Caseros foi se enchendo, chegando a conter 2.000 pessoas e convertendo-se em uma favela vertical.

Em 2001 a Secretária de Política Criminal y Asuntos Penitenciarios de la Nación (Patricia Bullrich) ordenou seu desalojamento final.

Cárcere Caseros

Verónica del Valle // Valeria Nuciari

“Estas fachadas son la muralla que oculta la ciudad, y la mirada sigue buscando una brecha, un postigo, una puerta de la traición, la entrada al laberinto.”



José Saramago (“El año de la muerte de Ricardo Reis”)



En la escalera de la Torre de la Victoria, habita desde el principio del tiempo el A Bao A Qu, sensible a los valores de las almas humanas. Vive en estado letárgico, en el primer escalón, y sólo goza de la vida consciente cuando alguien sube la escalera...

Cuando alguien asciende la escalera, el A Bao A Qu se coloca casi en los talones del visitante y sube prendiéndose del borde de los escalones curvos y gastados por los pies de generaciones de peregrinos. En cada escalón se intensifica su color, su forma se perfecciona y la luz que irradia es cada vez mas brillante. Testimonio de su sensibilidad es el hecho de que solo logra su forma perfecta en el último escalón, cuando el que sube es un ser evolucionado espiritualmente....

Su vuelta a la vida es muy breve, pues al bajar el peregrino, el A Bao A Qu rueda y cae hasta el escalón inicial, donde ya apagado y semejante a una lámina de contornos vagos, espera al próximo visitante.

En el curso de los siglos, el A Bao A Qu ha llegado una sola vez a la perfección.

El libro de los Seres Imaginarios – Jorge Luis Borges

“Yo no quise esto, no, querer es lo que hacen los cuerpos y nosotros ahora sólo somos fantasmas...”

Marina Tsvietaieva - "Antología"



No habrá nunca una puerta.

Estas adentro/ y el alcázar abarca el universo/ y no tiene ni anverso ni reverso/ Ni extremo muro ni secreto centro.

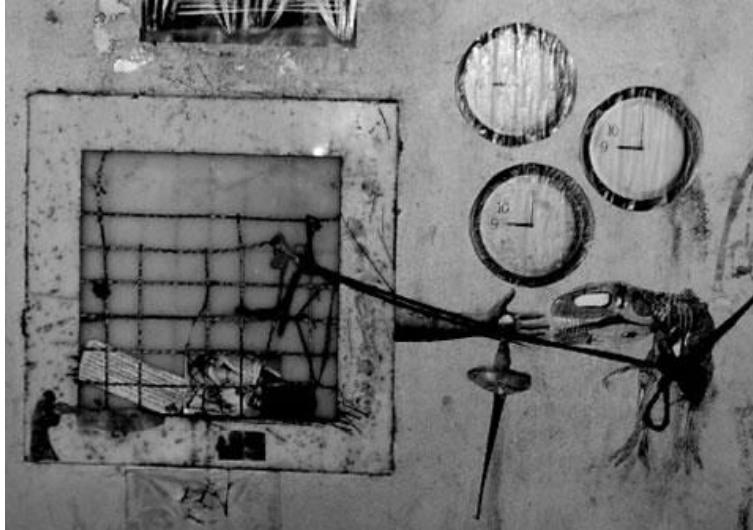
No esperes que el rigor de tu camino/ que tercamente se bifurca en otro/ que tercamente se bifurca en otro/ tendrá fin.

Es de hierro tu destino/ como tu juez.

No aguardes la embestida del toro que es un hombre y cuya extraña forma plural da horror a la maraña de interminable piedra entretejida.

No existe/ nada esperes/ ni siquiera en el negro crepúsculo la fiera.

Jorge Luis Borges (“Laberinto”)



*Zeus no podría desatar las redes
de piedra que me cercan. He olvidado
los hombres que antes fui; sigo el odiado
camino de monótonas paredes
que es mi destino. Rectas galerías
que se curvan en círculos secretos
al cabo de los años. Parapetos
que ha agrietado la usura de los días.
En el pálido polvo he descifrado
Rastros que temo. El aire me ha traído
En las cóncavas tarde un bramido
O el eco de un bramido desolado.
Se que en la sombra hay Otro, cuya suerte
Es fatigar las largas soledades
Que tejen y destejen este Hades
Y ansían mi sangre y devorar mi muerte.
Nos buscamos los dos. Ojalá fuera
Este el último DIA de la espera.*

El Laberinto – Jorge Luis Borges

“Cada cuál encerrado en su jaula, cada cuál asomándose a su ventana, respondiendo al ser nombrado y mostrándose cuando se llama, es la gran revista de los vivos y de los muertos.”



Vigilar y Castigar – Foucault



“Ese era el problema. Allí la tierra es demasiado grande, y después de algún tiempo empieza a tragarte. Llegó un momento en que yo ya no podía soportarlo. Todo aquel maldito silencio, aquel vacío. Intentas orientarte, pero es demasiado grande, las dimensiones son demasiado monstruosas y finalmente, no se cómo explicarlo, finalmente deja de estar allí. No hay mundo, no hay tierra, no hay nada. En el fondo es eso, Fogg, al final todo es mentira. El único sitio en donde existes es dentro de tu cabeza.”

El Palacio de la Luna - Paul Auster

"Si la vida no nos dio más que una celda de reclusión, empeñémonos en ornamentarla, aunque sólo sea con las sombras de nuestros sueños, dibujos y colores mixtos, esculpiendo nuestro olvido sobre la inmóvil exterioridad de los muros"

Fernando Pessoa - "Estética del desaliento"

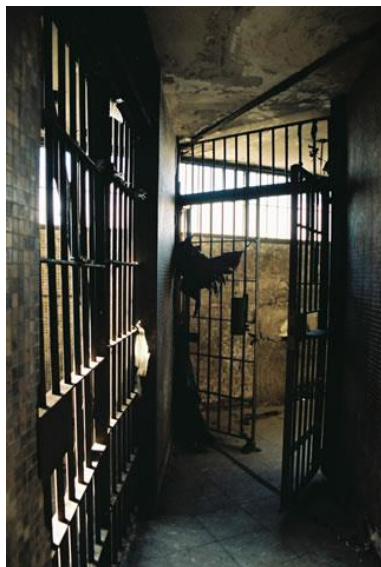




"Aquí el sol parece plegarse a la forma de mi encierro, volverse sinuoso y furtivo"

Julio Cortázar - "Los Reyes"

"No hay nadie que haya jamás escrito, o pintado, esculpido, modelado, construido, inventado, a no ser para salir del infierno."



"Puesto que el mundo es monstruoso, puesto que puede conducir al hombre a la desesperación, una desesperación tan tremenda, tan absoluta, que nada puede abrir la puerta de la cautividad de la desesperanza."

Paul Auster - "La invención de la soledad"

"No podemos detener los dibujos que se forman en el aire.

No podemos detener los dibujos que se descuelgan de la noche.

No podemos detener los dibujos que nos incendian el pensamiento."

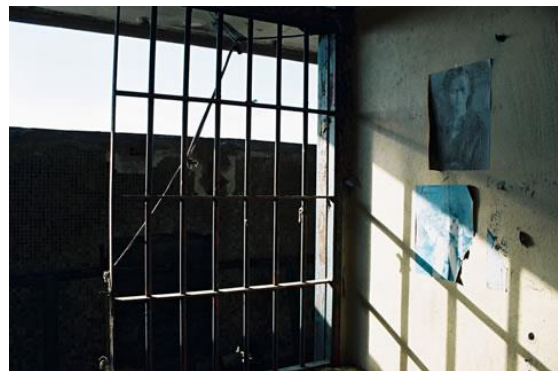
Roberto Juarroz - "Poesía Vertical"



"Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás."

Ernesto "Che" Guevara

"La soledad no es vivir solo, la soledad es no ser capaz de hacer compañía a alguien o a algo que está en nosotros, la soledad no es un árbol en medio de una llanura donde sólo está él, es la distancia entre la savia profunda y la corteza, entre la hoja y la raíz, No hablaba yo de esa soledad, sino de otra, la que anda con nosotros, la soportable, la que nos hace compañía, Hasta esa a veces no logramos soportarla, suplicamos una presencia, una voz, otras veces esa misma voz y esa misma presencia sólo sirven para hacerla intolerable..."



José Saramago "El año de la muerte de Ricardo Reis"



"La risa ella sola ha cavado más túneles útiles que todas las lágrimas de la tierra"

Julio Cortázar – “Rayuela”

**Alberto Olmedo: cómico argentino, fallecido en 1989.*

“Hombre condenado a dos escenas atroces: la primera y la última. Espiar por el ojo de la cerradura, que es el ojo de Dios (que nos estaba esperando) y descubrir al Otro, que también espía, hacia atrás, hasta el fin de los tiempos.

Y todavía sufrimos por la puerta que no nos animamos a abrir y por aquella que no debimos haber abierto nunca.”



Mario Trejo

*El porvenir es tan irrevocable
Como el rígido ayer. No hay una cosa
Que no sea una letra silenciosa
De la eterna escritura indescifrable
Cuyo libro es el tiempo. Quien se aleja
De su casa ya ha vuelto. Nuestra vida
Es la senda futura y recorrida.
Nada nos dice adiós. Nada nos deja.
No te rindas. La ergástula es oscura,
La firme trama es de incesante hierro,
Pero en algún recodo de tu encierro
Puede haber un descuido, una hendidura,
El camino es fatal como la flecha
Pero en las grietas está Dios, que acecha.”*

Jorge L.Borges (“Para una versión del I King” de “La moneda de Hierro”)

Nota: ergástula, cárcel destinada a los esclavos



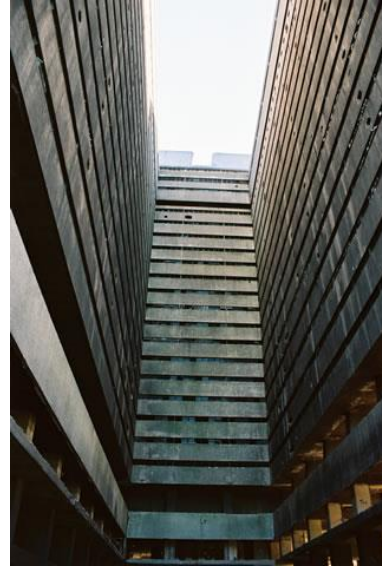
"... contempladme:

*mis lámparas no encienden una
reunión de gentes que*

entretejen esperanza y paciencia,

*ni mis muros se estrían con las
lágrimas de los que desesperan..."*

Olga Orozco - "Antología poética"



*"A esta ciudad le basta saber que la
rosa de los vientos existe, que nadie
está obligado a partir, este no es el lugar
donde los rumbos se abren, tampoco es
el punto magnifico donde los rumbos
convergen, aquí precisamente cambian
los rumbos de dirección y sentido, el*

*norte se llama sur, el sur norte, se paró el sol entre el este y el oeste, ciudad
como una cicatriz quemada, cercada por un terremoto, lágrima que no se seca
ni hay mano que la enjuague."*

José Saramago - "El año de la muerte de Ricardo Reis"

*"Los actos de los hombres no
merecen ni el fuego ni los
cielos"*

*Borges "Fragmento de un evangelio
apócrifo."*





"Pero cuando la fe desaparece, cuando comprendes que ni siquiera te queda esperanza de recuperar la esperanza, entonces tiendes a llenar los espacios vacíos con sueños, pequeñas fantasías y cuentos infantiles que te ayudan a sobrevivir"

Paul Auster - "El país de las últimas cosas"

"Y con la conciencia cubierta de sucios y hermosos velos, pedimos por Dios"

Alejandra Pizarnik



"Estas son las últimas cosas. Desaparecen una a una y no vuelven nunca más"

Paul Auster - "El país de las últimas cosas"



"En mis ojos no hay días. Los anaqueles están muy altos y no los alcanzan mis años. Lenguas de polvo y sueño cercan la torre. A que engañarme? La verdad es que nunca he sabido leer, pero me consuelo pensando que lo imaginado y lo pasado ya son lo mismo para un hombre que ha sido y que contempla lo que fue la ciudad y ahora vuelve a ser el desierto."

J. L. Borges

"Dibujaba ventanas en todas partes. En los muros demasiado altos, en los muros demasiado bajos, en las paredes obtusas, en los rincones en el aire y hasta en los techos. Dibujaba ventanas como si dibujara pájaros. Dibujaba ventanas hasta en las puertas. Pero nunca dibujó una puerta. No quería entrar ni salir. Sabía que no se puede. Solamente quería ver: ver."

Roberto Juarroz



"¡Ten cuidado de no caer, al final, prisionero de una fe más estrecha todavía, de una ilusión dura, rigurosa! A ti, en efecto, ahora te tienta y te seduce todo lo que es riguroso y sólido."

F. Nietzsche

"No tenía ninguna fe en que ocurriera lo que deseaba, y sabía que sin fe no ocurriría. Sabía que sin fe no ocurre nada de lo que debería ocurrir, y con fe casi siempre tampoco"

Julio Cortázar ("Rayuela")



"Son noticias del mundo en que vivimos, del mundo en que soñamos y comemos, noticias del mundo en que nos pudrimos y luchamos."

Fayad Jamis

"No esperas nada sino la ruta del sol y de la pena nunca terminará es infinita esta riqueza abandonada."

Edgar Bayley



"Y ellos, los presos rotos, los vencidos, crujen bajo sus patas sollozando, dando vueltas y vueltas en las sombras, despiertos, con el sueño degollado, acurrucándose entre los orines, llorando el perro de los solitarios."

Armando Tejada Gómez

"Pues era ciertamente un sentimiento de exilio aquel vacío que llevábamos dentro de nosotros, aquella emoción precisa; el deseo irracional de volver hacia atrás o, al contrario, de apresurar la marcha del tiempo, eran dos flechas abrasadoras en la memoria"



Albert Camus



"Trazar algunos dibujos en la pared para cuando se apague la luz y nadie pueda volver a encenderla. Unos dibujos solos en la sombra, sin que nadie los mire, son algo más intenso que el ciclo de las aniquilaciones.

...

Los dibujos dejados en las piedras de las cavernas abandonadas terminan siempre por abrirlas."

Roberto Juarroz



Referências Bibliográficas

AUGE, M. **Los no lugares**. Barcelona : Ed. Gedisa, 2000.

BARTHES, R. **La cámara lúcida** : notas sobre fotografía. Barcelona : Ed. PAIDOS, 1989.

BARTHES, R. La escritura de lo visible. In: _____ **Lo obvio y lo obtuso** : imágenes, gestos, voces. Barcelona : Editorial Paidós, 1995. p.11-67.

COLLIER, J. **Antropologia visual** : a fotografia como método de pesquisa. São Paulo : EPU,1973.

DUBOIS, P. **El acto fotografico**: de la representacion a la recepcion. Barcelona : Editorial Paidós, 1986.

EDWARDS, E. Antropologia e fotografia. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, UERJ, n.2, 1996.

EDWARDS, E. Beyond the boundary: a consideration of the expressive in photography and anthropology. In : BANKS, Marcus. **Rethinking visual anthropology**. New Haven : Yale University Press, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigilar y castigar** Buenos Aires : Siglo XXI Editores, 2003.

KOSSOY, B. **Fotografia e historia**. [Bogotá] : Ed La Marca, 2001.

PINHEIRO, J. Antropologia, arte, fotografia: dialogos interconexos. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, UERJ, n.10.

VATTIMO, G. **El fin de la modernidad**. Barcelona : Ed. Gedisa, 2000.